

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA  
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 4

DOMINGO - 5 de Julho de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## A SUÍÇA

### MERCADO CONSUMIDOR DA CONSERVA PORTUGUESA

**A**PÓS A GUERRA e devido á escassês de generos alimentícios, aumentou extraordinariamente o consumo de conservas de peixe na Suíça, país que noutros tempos era, a bem dizer, refractário ao peixe. Mas a população habituou-se a este alimento e ele ocupa hoje um lugar de certo relêvo na mesa suíça.

Temos presente números estatísticos referentes a 1951 que nos dizem alguma coisa em favor das nossas conservas e que fornecem indicações talvez preciosas à indústria e em particular ha do Sotavent. Esses números dizem-nos que Portugal, Espanha e Perú são os maiores fornecedores de conservas à Suíça. Os peruanos ocupam lugar proeminente na exportação de atum (atum branco e bonito), cabendo a Portugal o primeiro lugar na exportação de sardinha.

Para melhor esclarecimento, vamos transcrever os números referentes à percentagem de conserva dos vários tipos de conserva:

Sardinhas em azeite de Portugal, lata 1/4 22 m/m	3,5 %
Sardinhas em azeite de Portugal, lata 1/4 club 80 m/m	5 %
Sardinhas em azeite de Portugal, lata 1/4 80 m/m	4,5 %
Sardinhas em azeite de Marrocos, lata 1/4 club 80 m/m	3,2 %
Arenque da Califórnia, em tomate	14,2 %
Salmão do Canadá	3,2 %
Atum bocadinhos em tomate, 1/5	3,7 %
Atum espanhol, latas 1/8, em azeite de oliveira	2,5 %
Atum francês, latas de 1/10, em azeite de oliveira	2,5 %
Atum espanhol, latas 1/4 em azeite de oliveira	11 %

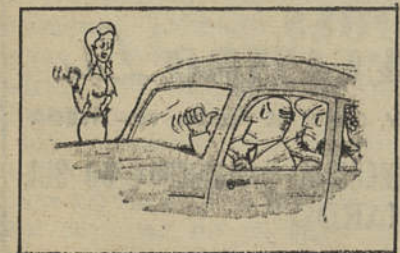
### “Noticias do Algarve”

**E'** COM o maior prazer que registamos os termos de muito aprêço com que a Imprensa se tem referido ao aparecimento do nosso jornal.

Além dos diários «O Século», de Lisboa, e «O Primeiro de Janeiro», do Porto, fizeram referências ao «Noticias do Algarve», com palavras de franca simpatia, os nossos prezados colegas «Correio do Sul», de Faro, «A Voz de Loulé», de Loulé, «O Castanheirense», de Castanheira de Pera, «Povo Algarvio», da Tavira, «Comércio de Portimão», de Portimão, «O Castelvidense», de Castelo de Vide, «Eco de Estremoz», de Estremoz, «Sesimbrense», de Sesimbra, «A Comarca da Sertã», da Sertã, «Noticias da Beira», de Mangualde, «O Eco de Reguengos», de Reguengos, e o periódico espanhol «La Higuera», decano da imprensa da provincia de Huelva, que se publica em Isla Cristina.

A todos endereçamos sinceramente os nossos melhores agradecimentos.

### O RISO DA SEMANA



Som palavras

## CONFISSÃO PROÍBIDA

por Vera Ponce de León

**ERA UMA** noite calma e serena, daquelas noites em que o homem sente a necessidade de recolher-se, a fim de meditar nos seus problemas, na vida, nas suas misérias e em tudo aquilo que mais ou menos o toca de perto.

Quantas vezes sentimos o desejo de nos recolhermos; a sós com a natureza, a sós com a nossa consciência e os nossos pensamentos mais íntimos.

Naquela noite, também eu senti o desejo de ficar só e de me isolar.

Desci até à praia, que se encontrava deserta àquela hora e estendi-me na areia. A meus pés o mar bramira numa raiva impotente contra os rochedos que elle mesmo puzera a descoberto. Escondi a cara nas mãos e esqueci por um momento tudo que me rodeava; apenas aquela dor aguda continuava no meu peito e parecia querer penetrar o abismo negro e escuro de que era feito o meu íntimo.

O mar continuava a bramir lá

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

## CRÓNICA DE LISBOA

**C**HEGOU o verão. As famílias que podem vão ir para as praias ou para o campo, enquanto os respectivos «chefes» ficam mais algum tempo aguardando o começo das escassas férias que lhes são atribuídas. São sempre «escassas», as férias, mesmo quando sejam de 364 dias em cada 365.

Eles cá ficam, a trabalhar, para pagar tudo! A «patrão» tudo levou atrás de si: — As roupas, os filhos, as creadas velhas, porque fazem falta, e as creadas jovens, por questões de moralidade... e desconfiança. E eles cá ficam, a dormir sem roupa de cama, que o calor dispensa, a vestir a roupa que a porteira deixa encardir, e a comer o que os restaurantes apresentam. Com que sacrificio! Mas o culpado é o verão, porque chegou.

Num mês de inspiração governativa, a dona da casa conseguiu poupar o dinheiro para dar o sinal no arrendamento daquela casa tão linda, na Nazaré. Mas valeu a pena! Que

importa que o merceiro berre ou que o fiador pague a conta da electricidade?! Quando se regressar logo se fazem as contas! Como se vive bem nas grandes capitais! Ninguém sabe da nossa vida!...

A hora da partida chegou, depois de naquela casa ter sido uma autêntica Babilónia. Os corredores encheram-se de malas e volumes; nos ares soaram as mais variadas imprecações. Mas tudo seguiu! E a família também! A porta só ficou um — o dono da casa — triste, a pagar as contas do transporte, das guitas e cordas, do carpinteiro que fez as grades para as mobílias. Mas tudo seguiu! Ele irá depois, quando lhe derem as tais «escassas» férias. Entretanto irá dormindo mal, vestindo camisas enxovalhadas e estragando o estômago com as comidas dos restaurantes. Mas a vida é assim! Os pequenos estão anémicos e a «patrão» desde pequena que está habituada a ir para a praia.

Já se sente só, terrivelmente só! Já está a ver-se no silêncio daquela casa enorme, antiga, apenas vendo as baratas junto aos rodapés. Todo o conforto do verdadeiro lar lhe vai faltar. Os miúdos não lhe contarão as traquinices do dia, e a esposa não lhe fará aquelas eloquentes descrições das montanhas da baixa. Uma desolação! Não há dúvida! Aquele que não gosa da felicidade doméstica é o mais desgraçado dos homens!

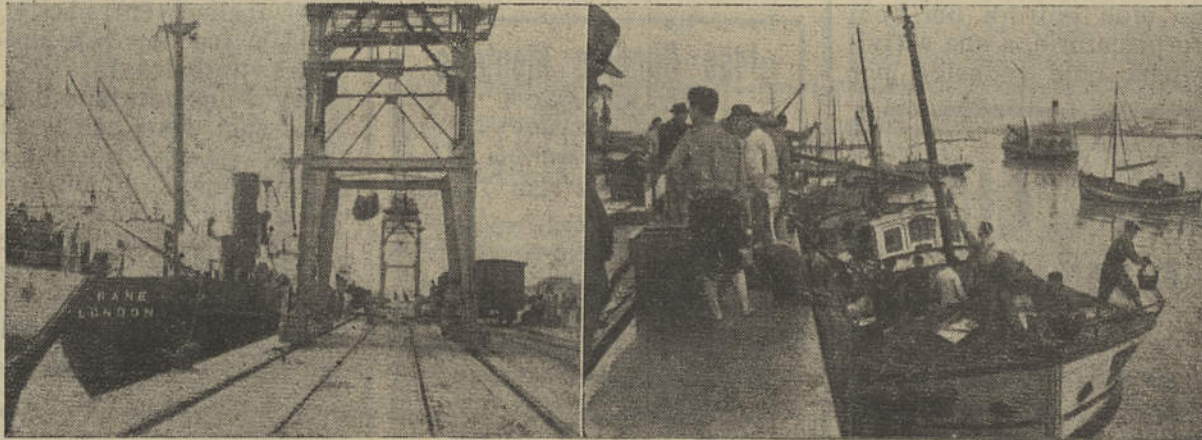
Dormiu mal. Acordou três vezes com sede, mas a cabeceira já ninguém puzera o copo com água.

De manhã, ainda sonolento, beijou com toda a ternura a sua própria mão, sonhando ser a da esposa. Só acordou verdadeiramente ao magoar-se na

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

## MATOSINHOS E VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Os mais importantes portos de pesca costeira de Portugal



Quando o cais comercial de Vila Real de Santo António se encontra ocupado pela navegação mercante, o que é muito frequente, torna-se impossível a descarga dos barcos de pesca. Estes podem efectivamente alijar o peixe quando o entreposto está desembaraçado, como se aprecia da fotografia da direita. Para evitar prejuizos aos pescadores e aos industriais e embarços à própria navegação mercante, impõe-se a construção de tão necessária doca de pesca

**T**EMOS em nosso poder os números estatísticos do ano findo referentes à pesca costeira dos peixes com aproveitamento industrial: sardinha, biqueirão, atum, bonito, cavala e carapau. Segundo esses números, as principais lotas do País tiveram em 1952 o seguinte movimento:

Matosinhos	108.197.782\$50
Vila Real S. António	41.114.608\$00
Portimão	37.740.087\$50
Peniche	35.275.251\$10
Setúbal	30.914.865\$00
Ribeira Nova	21.768.321\$00
Olhão	15.300.548\$00
Figueira da Foz	12.583.144\$00
Lagos	11.066.955\$00

Repetimos que apenas estamos a apreciar os peixes com interesse industrial. Incluín-

do as espécies destinadas ao consumo colhidas por barcos que não sejam traineiras, cercos ou armações, verifica-se que Matosinhos vendeu o total de 121.713.384\$00, sendo digna de nota também a pesca efectuada o ano passado em Sesimbra que totalizou 38.387 contos, incluindo neste total todas as espécies de peixes. Destes, os que mais contribuíram para o montante desta última lota foram o peixe espada, com 8.292 contos, as albacoras que atingiram o valor de 7.294 contos e o carapau do qual se venderam 5.529.

Pelos números expostos verifica-se que Matosinhos, que tem a maior frota costeira de Portugal (dez vezes mais bar-

cos que Vila Real de Santo António), vendeu menos 10.931.546\$00 do que em 1951. Por seu turno, Olhão vendeu menos 4.000 contos. Portimão vendeu mais 5.000 contos; Sesimbra mais 11.700 contos e Vila Real de Santo António mais 10.000 contos.

O alto valor da pesca registado o ano passado em Sesimbra deve-se em especial às excepcionais quantidades de peixe-espada e albacora capturados. Para se fazer ideia do que foi a avalanche desta última espécie, basta compararem-se os números de 1951 com os de 1952. Enquanto naquele ano a pesca da albacora não rendeu senão 1.045 contos, no

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

### Senhor Bispo do Algarve

Um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade, de que faz parte a senhora de Sebastião Ramirez, está procedendo a uma subscrição destinada à oferta dum automóvel para o serviço do senhor Bispo Coadjuvador do Algarve. Consta-nos que a recolha de fundos vai já muito aumentada.

### Curso de língua portuguesa na Rádio Italiana

**N**A terça-feira foi inaugurado na Rádio Italiana um curso prático de língua portuguesa, a cargo de L. Lazzarini e Luigi Santamaria. É um facto que nos sensibiliza e que nos aprás registar, pois não esquecemos que há quase um século mantem a nossa vila relações comerciais com a Itália, relações que foram sempre muito amigáveis e de que a nossa indústria extraiu sempre honesto proveito.

As lições realizam-se às terças, quintas e sábados, às 16 e 45.

## AGENDA

Movimento da Lota  
de Vila Real de Santo AntónioVendas efectuadas de 26 de Junho  
a 2 de Julho:

Traineiras:	
Pérola Algarvia	15.180\$00
Carmela	8.965\$00
S. Domingos	780\$00
Batinha	680\$00
Levante	3.600\$00
Flor do Sul	1.200\$00
Raulito	8.910\$00
Maria Rosa	5.520\$00
Deolinda Rita	2.080\$00
Pérola do Guadiana	8.075\$00
Norte	6.020\$00
Leste	14.500\$00
Liberta	4.280\$00
Janita	5.040\$00
Manuela	17.880\$00
Flor do Guadiana	2.800\$00
Tufão	910\$00
D. Fuas	4.480\$00
<b>Total</b>	<b>110.200\$00</b>

## Atum da Costa Algarvia

207 Atuns	274.450\$10
46 Atuarros	86.116\$70
8 Albacoras	3.688\$80
19 Cachorretas	649\$20
<b>Total</b>	<b>814.849\$80</b>

Movimento de Navios no Porto  
de Vila Real de Santo António  
de 27 de Junho a 2 de Julho:

**Entrados:**  
DORIDE, Italiano, de 676 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.  
GORGULHO, Português, de 1.196 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.  
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.  
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.

**Saídos:**  
DORIDE, Italiano, para Génova, com alfarroba e conservas.  
GORGULHO, Português, para o Funchal, com sal.  
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com enxofre e minério.  
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 4 a 10 de Julho a Farmácia Carmo-Rua S. João de Brito-Telefone 31.

## HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro.  
Às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,50 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

## Matosinhos e Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ano findo essa pesca alcançou o alto valor de 7.294 contos. Um facto curioso: a abundância desta espécie na nossa costa coincidiu com a falta da mesma nos mares das Canárias e da costa africana.

Dos acidentes que nos revelam a estatística, um há que merece ser considerado e para o qual nos permitimos chamar a atenção do sr. ministro das Obras Públicas: a rápida progressão da pesca em Vila Real de Santo António, que figura como o segundo porto de pesca costeira de Portugal. O facto deve-se ao incremento e modernização da sua frota, hoje uma das mais bem apetrechadas do País e com um raio de acção que lhe permite operar a grandes distâncias. Contribui decididamente para a valorização da sua lota o biqueirão de que Vila Real de Santo António é o primeiro porto pescador de Portugal, peixe que naquela lota atinge sempre um valor muito superior às pequenas capturas que se fazem noutros pontos da costa. Assim, enquanto ali o biqueirão se cotiza a uma média de 6\$00 o quilo, a mesma espécie obteve as médias de 4\$30 em Olhão, 3\$60 em Matosinhos e 2\$90 em Setúbal. A razão explica-se: é que em Vila Real de Santo António está localizada grande parte da indústria preparadora deste peixe, trabalho que exige muita perícia e muita atenção, sem o que há risco iminente da perda dessa valiosa e apreciada espécie, como já por mais de uma vez se tem, infelizmente, verificado nalguns centros conserveiros. Uma grande parte do biqueirão preparado (amadurecido) é depois expedido para fábricas de todo o País para enlatamento.

A estatística revela-nos também a queda alarmante de Olhão como porto de pesca. Tendo sido outrora um bom centro piscatório, a sua actividade está hoje reduzida por

falta de pesca e por escassês de artes. Efectivamente a sua frota é pequena e procura defender-se operando em Vila Real de Santo António. A indústria olhanense abastece-se hoje em grande parte na lota da vila pombalina. Para o efeito algumas fábricas têm ali armazéns, transportes e o material indispensável à condução do peixe para os seus estabelecimentos.

Registando-se a valorização de ano para ano do centro industrial e piscatório de Vila Real de Santo António, verifica-se simultaneamente a falta das instalações precisas para o rápido desembarque do peixe. Esta falta começa a assumir proporções angustiosas, sobretudo quando se dá o caso do cais comercial estar ocupado por navios de comércio que impedem a descarga do peixe. Então «enviadas» e «traineiras» têm que encostar onde lhes é possível para, em difíceis condições, alijarem o pescado. Dá isto em resultado sofrerem prejuizos os industriais e os pescadores, aqueles porque recebem o peixe tardiamente, sobretudo se se trata de industriais de fora, e estes porque ficam com os seus barcos impedidos, às vezes durante muitas horas, não podendo voltar à faina senão no dia seguinte. Ora é para estas deficiências que ousamos chamar a atenção do sr. eng.º José Frederico Ulrich no sentido de que ordene as providências que se impõem e que consistem na construção da doca de pesca. Tudo indica o aumento da frota local e a frequência dos atuneiros de Aveiro) que o problema vai agravar-se. Resolvê-lo é um serviço que se prestará à indústria de conservas, aos pescadores de toda a costa que frequentam assiduamente Vila Real de Santo António e, em última análise, à economia da Nação.

## José Cândido Monteiro

## SOLICITADOR

PROVISIONÁRIO

Horas de expediente

Das 10 às 13 e das 14 às 17 horas

ESCRITÓRIO

Rua de Aveiro n.º 40

Vila Real de Santo António

RESIDÊNCIA

Rua 26 de Janeiro — Castro Marim

## Crónica de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

superfície dura dum livro, «A Colonização da Índia», cuja leitura o adormecera. Que solidão! Que falta de carinhos!...

E lá foi para o escritório, depois duma «toilette» incompleta, sem água morna, nem pasta de dentes.

Nem o trabalho lhe saiu bem! As saudades chegaram cedo!... Pediu a toda a gente indicação de restaurantes baratos. E, por fim, com vergonha do Gerente da casa, aceitou deste o convite para ir experimentar um célebre «Bacalhau à Maria Augusta» que nesse dia, 6.ª feira, se servia em determinada casa de pasto, «bem frequentada, numa rua muito típica, ali para os lados de S. Paulo» — assim lhe falou o seu respeitável conselheiro.

Foi com muito receio que aceitou, pois o gerente da casa — pensou — só por certo frequentaria sítios selectos e caros. Mas enfim, para não fazer desfeita...

E, quando o meio-dia chegou, lá foi, mas, com grande espanto seu, para nenhuma daquelas «adegas» que ele conhecia de tradição e anúncios, em que, à custa de bonecos nas paredes e dois ou três fadinhos mal gritados, se apresentam contas de arromba!

Afinal o seu gerente não era como ele julgava. «Querem ver que ele é tão «têso» como eu?» — pensou lá para os seus botões. E' que a tão celebrada casa de pasto era afinal uma vulgar «tasca» com balcão de mármore e uma montra com uma cozinheira anafada, a fritar passarinhos e fazer «pregos», sem faltar o indispensável patrão galego a aproveitar as pontas das bananas para as saladas de frutas.

—Duas «económicas» para a mesa do canto! Uma é «cal-dosa»!

—Vai uma «entrada»!

—Um «cachorro» e um copo de três ao balcão!

—Vai um bacalhau da casa!

Ao som desta cantilena, em sotaque galego, começou a refeição, depois dum aperitivo de azeitona britada.

—Dispa o casaco! Ponha-se à sua vontade!... — e dizendo isto, o tão respeitável «gerente da casa» ia arregaçando as mangas e pendurando ao pes-

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Pedido de casamento

Pela sr.ª D. Bertha Falcão Risques Pereira, de Lisboa, foi pedida em casamento, para seu filho, o sr. Engenheiro-Agrónomo Jorge Falcão Caldeira Risques Pereira, a menina Maria Natércia Calado Lino Correia, filha da sr.ª D. Isabel Cabrita Calado Correia e do sr. Ricardo Lino Correia, Gerente do Banco Nacional Ultramarino em Vila Real de Santo António.

O enlace deverá realizar-se ainda no corrente ano.

## Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila o sr. Emilio Garcia Ramirez, importante industrial da nossa praça, tendo já retirado para a sua nova residência no Porto.

De visita a sua família esteve alguns dias nesta vila, o sr. Diamantino Duarte Baltazar, aluno da Faculdade de Medicina, em Lisboa.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso presado assinante em Lisboa, sr. António José Rodrigues Rosa, funcionário dos C. T. T.

Encontra-se em Monte Ruivo-Messines, a gozo de férias, o nosso presado assinante sr. Dr. José Cabrita Matias, residente em Lisboa.

Retirou para Faro, a nossa estimada assinante, sr.ª D. Maria da Piedade Franqueira Reis, telefonista de 2.ª classe, que a seu pedido foi transferida para aquela cidade.

## Agradecimento

João Cumbreira Ramirez e família, na impossibilidade de agradecer pessoalmente, as provas de interesse e amizade demonstradas durante a sua grave doença, vem por este meio a todos, manifestar a sua profunda gratidão.

coço o guardanapo de côr berante e remendos bordados, a cheirar a lexívia, que segurou com um espampanante laço.

E a refeição lá foi devorada, com os queixos luzidios de gordura e com o vinho do Cartaxo a aguear as faces.

Quando, alta madrugada, regressou a casa, trauteando o «Olha a mala», vinha cansado e olheirento, a boca seca.

Atirou-se sobre um «maple» pesadamente. Quando acordou já havia luz do dia.

Ao olhar o espelho ficou horrorizado! No colarinho estava estampada uma enorme e denunciadora marca de «bation». Instintivamente, com o coração a bater, olhou em redor como que para certificar-se de que estava só. Depois... disse sorrindo para a própria imagem:

—Afinal... não é nada de mau um pouco de liberdade...

J. M.

HOLLAND-AMERICA LINE  
SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

## "APPINGEDYK"

carrega em LISBOA em 25 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH RYAN» — 27 de Julho

«DALERDYK» — 6 de Agosto

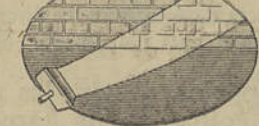
AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES &amp; C. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21148 — 21789

## CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de

interiores e exteriores

paredes

muros

frontalãs de

casas ou edificios

outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES  
NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FACIL EMPREGO

Pê que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES AOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

## CEMPEXO

DE COB FIXA

DURA MAIS

RENDE MUITO

HENRIQUES &amp; CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 — AV. CONDE DE VALBOM, 96 — LISBOA

AGENTES

- em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL
- em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO
- em Olhão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

# RUÍNAS

## QUE NOS ENVERGONHAM

QUEM tenha viajado por Portugal e visto, com olhos curiosos, as nossas terras, chega à conclusão de que uma das mais lindas do País é Vila Real de Santo António. Mas verifica simultaneamente que a sua beleza provem: dos seus arruamentos lineares; da sua situação privilegiada à beira de um grande e lindo rio; da luminosidade do seu ambiente; da sua praça pombalina e da fachada que olha para o Guadiana. O resto, o seu valor urbanístico, fica muito aquém de algumas vilórias de que raramente se fala mas que oferecem, na sua humildade e pequenez, um aspecto urbano bastante simpático e que as valoriza aos olhos dos naturais e dos estrangeiros.

Vila Real de Santo António sendo hoje uma das terras mais importantes do País na sua categoria de vila, tendo população muito superior a cidades como Silves, Abrantes, Pinhel e Penafiel, não oferece, no entanto, um aparato urbanístico de acordo com a sua importância industrial, marítima e comercial. E a verdade é que poucas terras do País têm condições tão propícias para que brilhe o que nela se edifique. Não há becos nem vielas onde uma construção fique afogada e se perca assim toda a sua beleza. Aqui, o que se edificar aparece bonito, se o for; feio se assim o fizerem.

Durante muito tempo, umas vezes por mau gosto, outras por mesquinhez e ainda outras por carência de meios, ergueram-se por toda a vila, até nos sítios mais centrais, casas abaracadas que, cumprindo a finalidade essencial de alojar gente, não cumpriam a outra finalidade, não menos essencial, de embelezar a terra. Daí a pobreza urbanística que esta oferece em pontos centrais, como seja a Rua Teófilo Braga, o passeio preferido da nossa mocidade e que, urbanizado devidamente, se transformaria numa das ruas mais lindas do nosso País. Em vez disso é uma rua sem qualquer atractivo de arquitectura; brilhando pelo seu esplêndido passeio e pela luminosidade particular que lhe transmite o material do pavimento. O resto é triste, revela um desleixo incompatível com a categoria de Vila Real de Santo António. Aquela casa arruinada, verdadeira montureira no coração da vila, confrange e dá a quem nos visita uma impressão pouco abonatória do nosso grau de limpeza e de civilização. É uma vergonha para todos nós! E que lindíssimo prédio se poderia edificar aproveitando o topo do quarteirão! O mesmo se pode dizer do topo do outro quarteirão que, em tempos, segundo dizem, o Banco de Portugal quis adquirir. Que belo prédio aqui se faria também, de rés-do-chão, para estabelecimento, primeiro andar e águas furtadas, ao gosto pombalino, tão simples mas tão harmonioso à vista!

Há em vários locais da vila outras vergonhas semelhantes: casas arruinadas ou que ameaçam sepultar no entulho das suas paredes inclinadas quem passar por junto delas.

E a verdade é que este desleixo, esta falta de brio, não têm explicação. Ou, mais acertadamente: têm, mas não queremos dá-la porque passaríamos a todos nós um atestado vergonhoso.

Se a vila estivesse em decadência, se o nosso mar, se o nosso riquíssimo porto, se a diversidade dos nossos industriais não nos garantissem uma posição economicamente segura, ainda teríamos de condescender com tal desinteresse — considerar-nos-íamos uma espécie de ciganos armando a barraca onde houvesse perspectivas de obter comida. Mas, felizmente, nada disso aconteceu.

(CONCLUÍ NA 7.ª PÁGINA)

## SUBSÍDIOS

### PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA

#### DE VILA NOVA DE CACELA

I

SÓ AQUELES que forem lidos em história antiga, ou que se tenham dado à investigação e estudo destes assuntos, sabem que algumas cidades, muitas vilas e até simples povoações e lugares de pouca importância, que formam hoje o moderno Algarve, foram, nos tempos pré-históricos e antigos, centros de grandes civilizações e de grande poder e importância militar.

Atestam estes factos os estudos que vários sábios arqueólogos e eminentes historiadores, têm feito neste sentido.

Estácio da Veiga, — taviense ilustre —, no seu precioso livro, «Antiguidades



Guerreiros pré-históricos da Península Ibérica

des Monumentais do Algarve», dá nos abundantiíssimas provas, nos monumentos que descobriu e estudou, da existência e importância dos vários povos que nos visitaram e habitaram, por muitos séculos, o Algarve, e, bem assim, do seu elevado nível de cultura.

Leite de Vasconcelos, no seu magnífico estudo, «Religiões da Lusitânia», dá nos, também, valioso subsídio de informações, acerca do grau elevado de civilização, dos povos da Lusitânia.

Outros escritores se têm ocupado ainda do estudo deste assunto, publicando trabalhos, com vasta soma de pormenores: Frei Vicente Salgado, Frei João de S. José, Pinho Leal, João Baptista da Silva Lopes, Alexandre Herculano, Pedro Tavares, João Bonança, Padre Francisco Xavier Ataíde de Oliveira, Dr. Alberto Iria, etc., etc.

Vamos, pois, seguir o lento caminho do homem primitivo, através dos séculos, em procura do progresso e da civilização, baseados nos elementos que todos aqueles notáveis homens de ciência e de letras nos deixaram, e, tanto quanto nos permitir o pouco espaço de que dispomos, e a natureza deste modesto trabalho, que nos demos à tarefa de estudar, e em parte, coligir.

## PARA SI

### minha Senhora

#### A ELEGANTE DE 1953.

#### DISCÍPULA DE FREGOLI

por Noémia Gil Faria

QUANDO, nos princípios do nosso século, Fregoli encantava as plateias pela facilidade com que mudava, em rápidos segundos, de vestuário, incarnando sucessivamente novas personagens, sobretudo senhoras, não pensava de certo que era, então, o precursor de uma arte que, cinquenta anos mais tarde, as elegantes tão bem aproveitariam. O que lhe permitia a mudança rápida da personagem era, principalmente, a mudança dos acessórios, tais como carteiras, chapéus, veus, cintos e regalos.

Pois a elegante 1953, tal como ele, aproveita os pequenos nada da moda para mudar de personalidade. Há vinte, há dez e mesmo há cinco anos quem tinha três vestidos fazia apenas «três

(CONCLUÍ NA 7.ª PÁGINA)

## UM POETA

# JOSÉ SEBAG

TODOS os motivos de poesia são motivos subjectivos, íntimos, e, portanto, líricos.

Há, por isso, quem admita apenas a poesia lírica. Não me cabe discuti-lo agora, mas o certo é que a poesia de José Sebag vem confirmar, mais uma vez, aquela asserção, aliás já hoje geralmente admitida.

Procuremos que o próprio poeta nos aproxime da sua poesia (Não falo de compreensão, nem de explicação): «...um mim, que, por ele, se esconde/ e que é diferente de mim.» Eis a afirmação duma poesia lírica que não recolhe os seus temas (até que ponto será legítimo falar de temas, em poesia?) da íntima realidade, mas em que essa realidade representa a inquietação, o impulso, o nervo poético, «...ando à procura de mim...». Todo o poeta que o é realmente, líricamente, anda à procura de si (dentro ou fora de si) e de sua poesia. E os caminhos que se lhe deparam ou que ele desbrava com sacrifício e dor podem ser os caminhos da chamada vulgarmente «realidade sensível». Assim o caso de José Sebag. Ocorre-nos logo outro poeta que soube, como ninguém ainda, valorizar o pormenor insignificante (para as pessoas vulgares, evidentemente), tornando-o significativo, Nada me refiro a influências; nada disso. No sentido deprecautivo só se pode atribuí-las a poetas mediocres e não é o caso de Sebag; no sentido de parencias ou afinidades do autor influenciado com o influenciador é que é o caso de Sebag, mas pouco interesse tem pois tão forte e original se promete já a sua personalidade que só temos a esperar que ela mais fortemente se realize, sem receios de que já outro ou outros poetas tenham cantado no mesmo tom e os mesmos temas. Bastavam alguns pequenos apontamentos carregados de colorida e aromática presença, para o dar como poeta autêntico, dos que sabem captar para

além da realidade estática dos sentidos, a vida recôadita e anímica que em tudo pulsa. Cite-se: «...E' o regresso ao lar, onde há pão/ e a açorda do costume». (uma nota de desânimo antecedida, porém, da esperança que na caminhada do regresso, depois dum sol redentor, arde no coração dos homens). Ainda: «...tive um avô de concepções plebeias/ que pescou bacalhau na Terra-Nova». Também: «A meio da noite, em horas más e mortas,/ ouvia-se o ranger das suas portas,/ como soluços dum moribundo asmático...» (com uma segurança que não parece já dum novo alia o melancólico, o tétrico e o finamente irónico). Mais ainda: «Como a gotinha singela/ que deslisou na janela/ e não sabe que há lareira,/ chá, calor, mesa, ou chaleira». E por último: «E a casta luz, que nasce de manhã,/ mostra pequenos burgos com rumores,/ onde vive uma gente honesta e sã —/ eis o bíblico quadro dos Açores».

Deminuir a poesia de Sebag porque não traz o selo dramático que parece agora obrigação de toda a poesia? Culpá-la de não evocar uma actualidade angustiada que pede poesia? Mas nisso pode residir o maior mérito: um oásis de alheamento onde as coisas são o que são, sem reticências nem temores, e as fontes cantam as mesmas baladas ingénuas de fabulosas idades. Não é inconsciência do seu tempo e das mais urgentes e reais inquietações humanas. É a plácida voz que no meio das atroadas trágicas e desesperadas ainda se afirma com um vigor rude de gente do campo, pura, simples, rude mas compreensiva, alheia mas fraternal. É uma promessa, uma esperan-

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

## GAZETILHA

### Praia à vista

Bombas e «rebusca-pés» acabaram seus banzéis quando o São Pedro passou; das «sortes» e das fogueiras umas lembranças ligeiras, cinza, e pouco mais ficou.

Moças e moços agora não vêm chegar a hora em que o domíngo começa, tudo a preparar merendas, toldos, barracas ou tendas e lá vão, frescos e à-pressa...

A praia, mais os pinheiros, são óptimos companheiros cá da nossa freguesia, que lhes conhece as virtudes e só por vicissitudes não goza lá o seu dia.

Confirmando o que dizemos fez-se a «aldela» que vemos na «ponta da areia» erguida, moderna aldela à campista, com ar puro e mar à vista, paz, descanso e boa vida...

BIN OCLO

## AUXILIEMOS OS NOSSOS BOMBEIROS

### A todos os vilarealenses e aos amigos de Vila Real de Santo António

ENTRE outras deficiências que notamos na nossa terra, e que iremos apontando no sentido de contribuirmos, tanto quanto possível, para o engrandecimento de Vila Real de Santo António, nota-se a falta de um quartel que seja digno da nossa Corporação de Bombeiros Voluntários. O que presente-mente existe está longe, muito longe mesmo, de poder corresponder às necessidades para que foi criado. Não tem condições, nem oferece possibilidades sérias de melhoramentos.

Adquiriram os Bombeiros o antigo Teatro Alexandre Herculano, afim de ser construído, no local, o novo Quartel-Sede. Até agora, porém, as dificuldades materiais têm impossibilitado o início das obras, cujo projecto já se encontra concluído e aprovado, continuando as ruínas do antigo Teatro a desfear uma das mais simpáticas artérias desta Vila, dando-lhe um aspecto extremamente indesejável, com uma exposição de escombros que tudo aconselha desaparecer quanto antes. Tratando-se de uma instituição

cuja existência — e eficiência — é de inestimável valor para todos nós — vilarealenses e não vilarealenses que aqui fazem a sua vida —, achamos que todos temos o dever de contribuir, na medida das possibilidades de cada um, para que esta premente necessidade da nossa terra tenha enfim a solução que merece.

Constituiu-se uma Comissão de vilarealenses, composta pelos srs. José Alves Mestre, José Guilherme Geneslay e Cláudio de Oliveira, que, animados do desejo de bem servir, têm envidado os melhores esforços no sentido de recolher o maior número de donativos. Cêncio das suas responsabilidades como órgão de defesa regional, o «Notícias do Algarve», cooperando com a referida Comissão, inicia uma subscrição pública de donativos destinados ao Quartel dos Bombeiros Voluntários da nossa terra — esperando que todos os simpatizantes desta campanha em prol dos Bombeiros nela colaborem. Aguardamos, pois, os donativos, a que iremos fazendo a devida referência.

### Prédio na Praia de Monte Gordo

#### VENDE-SE

Frontes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

#### FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave à sr.ª SULPÍCIA, Rua António Nols, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos Rua Fernandes da Fonseca, 12-2.º Telefone 28034 — LISBOA

# CARTAS DE RODOLFO RUIZ

Paris  
Fins de Junho

Meu caro Zé,

**H**Á PESSOAS que se neuras-tenizam com a calma bucólica dos campos, como há pessoas que endoidecem com o bulício estonteante das cidades; umas que não suportam o calor e outras que não toleram o frio.

Eu não posso com nortadas! Sou ferozmente alérgico à nortada! Assim que a sinto chegar, soprando e assobiando, perco inteiramente a linha. Deixo de ser civilizado: levanto apressadamente a gola do casaco, franzo os sobrolhos, solto um palavrão tremendo, encafuo-me no hotel—e amúo! Ao terceiro dia fujo. Como conheces o Estoril—o Estoril da última semana—não deves estranhar que esta carta te vá dada de Paris. Porquê de Paris? Concordo que podia ter sido de Londres ou de Estocolmo mas, amigo dilecto, Paris tem encantos que prendem, sorrisos pelos boulevards que seduzem, conversas que delectam, atitudes que cativam e por vezes, a aventura-zinha que embriaga e que dá uma razão de ser à vida!

Em boa verdade, devo confessar que me foi grato tornar-me a sentar no terraço dum café dos Campos Elísios e respirar novamente Paris, cheirar Paris, ouvir Paris, impregnar-me de Paris!

—Porque é que você não viaja? Inquiri eu uma vez dum Parisiense que nunca tinha arredado pé da cidade onde nascera.

—*Pas possible, mon cher ami*, respondeu-me êle com simplicidade e encolhendo os ombros com resignação, *j'ai Paris dans la peau!*

Esse meu amigo tinha Paris na pele! Ora eu desconfio, que subtil e cavilosamente, Paris me tem estado também a invadir a cutis! Mas como resistir-lhe amigo dilectissimo?

Imagina tu que jantei esta noite com o Marquis de Bronzeac no Claridge. Noite de gala. Estávamos ambos de casaca. Ambiente de luxo. Requite. Raffinement. Mas, logo no Salon aos aperitivos, o marquês apresentou-me a um sujeito muito alto e muito esguio, que estava em mangas de camisa, que ostentava descaradamente os pés descalços numa larga sandália encarnada e que tinha as unhas, das mãos e dos pés (que êle usava em bico) lacadas de preto!

O sujeito chamava-se Jean Frédeau. Surpreendendo um olhar espantado, que de esguêlha lhe lancei às unhas, o estranho homem disse-me com muita dignidade:

—*En deuil pour la France Monsieur!*

As unhas em bico de Jean Fré-

## COMPANHEIROS DA ALEGRIA

**T**EMOS a satisfação de anunciar aos nossos assinantes, e ao público em geral, uma grande jornada artística que este famoso conjunto fará por todo o Algarve durante o próximo mês de Agosto.

A sucessão ininterrupta de exitos que desde o início vêm obtendo os Companheiros da Alegria, sob a orientação do nosso amigo sr. Igrejas Caeiro, criou no público de todo o país uma verdadeira ansiedade pela chegada dos seus espectáculos.

Associamo-nos ao desejo de todos os Algarvios de podermos assinalar tão interessante acontecimento.

deau estavam de luto pesado pela França! Eu ia murmurar umas condolências sentidas quando uma deliciosa criatura, que o acompanhava, me impoz silencio com um dedinho arrebicado nos lábios:

—*Ne faites pas attention. Jean Frédeau est existencialiste!* Dando-me assim a perceber, com tacto e elegância, que o facto de ser existencialista permite todas as excentricidades e explica todas as anomalias.

Reparei então na deliciosa criatura, e com um sorriso largo inundando-me a alma, reconheci-a. Era a adorável Suzanne Martingale, que havia longos tempos eu não via.

Eu tive há três anos um forte fraco por Suzanne Martingale. Iniciava ela então uma carreira alegre na Folies Bergères. Um can-can endiabrado que ela dançava, atirando as pernas apetitosas à alturas siderais, levaram-me a frequentar com assiduidade as Folies. Depois, passei a fre-

POR  
JOSÉ DE BASTO

quentar com a mesma assiduidade, mas muito mais embevecido, a própria Suzanne! Foram épocas delirantes! Mas tudo tem um fim. Uma noite, enquanto bebíamos *Pommery Brut* num gabinete reservado de *Chez Antoine*, Suzanne confessou-me, com lágrimas a bailar-lhe nos cantos dos olhos aveludados, que tinha uma aspiração suprema na vida. A adorável criatura sentia-se deslocada no *vaudeville* e queria entrar para a *Opéra* e cantar, numa noite de gala, numa apoteose de arte e ante um público em extase, a área suprema da Mannon! Eu, enternecido e bem regado, disse que essa aspiração só a enobrecia. Ela então trauteou para mim, entre dois golos de champagne, ... *Perdona a me, Diol!*

Entusiasmado com tanta vocação lírica abri largamente a carteira e prometi-lhe a minha ajuda

desinteressada! Mas logo no dia seguinte, depois de uma entrevista prometedora com o ministro das Belas Artes—que era o jovial Delatour, octagenário e meu parceiro de poker—entrando a deshoras, surpreendi-a satisfazendo caprichos ilícitos com o barítono da Companhia, um latagão de enorme bigodeira, negra e retorcida! Fechei a carteira com estrondo e abalei. Sofri, mas o pincel do tempo esbata as recordações mais dolorosas, e tive prazer em tornar a vê-la e assim lho disse. Pareceu-me que ficou agradada.

Enquanto passávamos ao salão de jantar o Marquês segredou-me que ela já não se chamava Suzanne Martingale. Tinha feito progressos estrondosos nos últimos dois anos e usava agora o nome aristocrático de Madame D'Avigny!

—O que lhe aconteceu? perguntei eu fervilhando de curiosidade. Baixando ainda mais a voz o Marquês elucidou:

—Delatour!

—O octogenário, o ministro?

—Esse mesmo!

Dei um assobio fino e compreensivo e sófrego por mais detalhes insisti:

—E agora, que fazem?

(CONCLUÍ NA 7.ª PÁGINA)

## UMA AVENTURA MUSICAL

IV

**E**FECTIVAMENTE, descendo o Chiado, ao passar pela Bertrand deparo com o Aquilino Ribeiro que com a franca simpatia de sempre me saúda, perguntando-me se eu ainda não estivera com o nosso Pulido! A D. Maria Archer (que eu não tornara a encontrar desde há bons vinte anos), também por ali circulava, porventura mais fresca e nova do que nunca; e o caro Carlos Olavo é outro encontro amigo que muita alegria me dá tornar a abraçar, sei lá já desde quando!

E com o Olavo acabo por subir ao Pulido. Estavam lá o Manuel Mendes e o Abel Manta. Palestra amená, à *bâtons rompus*, sobre *les ridicules du temps*, (como diria o Barbey d'Aurevilly), risada solta, *má lingua*, entim convívio íntimo na boa amizade de velha data... (No decurso da conversa, incidentalmente, referira-me ou à peripécia dos meus bailados e ao Marquês...)

Despedindo-nos já perto das oito, vou ao meu jantar, para os bailados às 9 e tal.

Mas na rua do Oiro eis outro encontro inesperado: com o Dr. José de Bragança, velho e querido amigo também, que insiste para o acompanhar à janta... Quero esquivar-me, unicamente pelo receio de ficarmos à palestra e perder o espectáculo, con-tando-lhe brevemente a relação presente com o Marquês e a Princesa; mas ele, amigo, insiste, comprometendo-se a não me reter...

Assim, após a colação, animada pelo mútuo prazer da palestra, eis-me, da rua do Oiro subindo pela rua de S. Nicolau, e galgando, dum sólego, a dois e dois, os degraus da escadinhas de S. Francisco que levam à rua Ivens e pela Rua Capelo ao lírico S. Carlos, onde, após a conhecida enfiada de escadas ainda, me encontro finalmente no clássico *galinheiro*, que é, sempre, o artístico *lugar de honra*, pois todo o resto, excelentíssimo aliás, é: gala, protocolo, etiqueta, sociedade, snobismo e... pedanteria. (E'

evidente que não estamos todavia na fábula da raposa e as uvas...)

Precisamente as luzes da sala haviam baixado, e a cortina abria-se... E eis-nos então no *pays du factice*, como o malgrado Remy de Gourmont chamava ao teatro. E decorre o filme coreográfico, iniciado, pelas peripécias da *mulher muda* a quem o cirurgião faz a operação que se calculará e só o marido condescendente não compreende...

Eis agora a *hantise* do *Espectro da rosa* no espírito da ro-

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

mântica donzela, adormecida ao regressar do baile; depois o interessante enredo sentimental-moral (parabens à princesa Bibescól), da pomba ferida pela *agrette*; e, *fin de fête*, o episódio caucasiano do *Prisioneiro*.

Felizmente, tudo ou quase tudo excelente, muito belo: belos os cenários, soberba a coreografia e diversíssima, mesmo superabundante talvez—*quod abundat non nocet* todavia—, e tudo bem enquadrado, harmonizado e adaptado à expressão de *alguma coisa*. Não perdi, francamente, o meu tempo... E a recordação é bela ainda!

Esquecia-me dizer que, ao voltar do ensaio dos bailados na tarde, sabendo pelo Ruy que, ao contrário do que supusera já, os bailados do *Verde Gaio* continuavam, pelo menos vivendo *au ralenti*, pois o Francis continuava a ensaiar, indo mesmo proxima-mente ao Porto, lembrara-me de lhe telefonar (conhecéramos há anos) e de lhe falar do meu *Mélos*. Estava em casa mas ia precisamente sair, tendo já o táxi à porta... Assim, poderia eu deixar a música ou no teatro de S. Carlos mesmo, ou entregá-la ao Ruy para lha dar. Todavia, como não voltara à Pensão e pois não trouxera o bailado comigo, não lho pude deixar no S. Carlos ao findar o espectáculo. E por isso, não me sendo também já possível voltar a estar com o Ruy, resolvi, quando na manhã

seguinte fosse para o comboio, passar pela casa do Francis e entregar-lho pessoalmente. Arrependi-me porém, depois, desta solução desastrada, porque, passando pela rua da Saudade no taxi que me levou à estação, fui acordar estupidamente àquela hora matutina (8 e meia) o ilustre corégrafo que, vivendo sózinho, ao que parece, se levantou, algo agastado, (e com razão),—vindo ele proprio entreabrir a porta para receber da minha mão a partitura,—do que lhe pedi e lhe torno a pedir aqui muita descul-

pa, pois poderia bem ter-lhe enviado a música, de Olhão, com a carta que alguns dias depois lhe escrevi a tal respeito.

Entregue assim o *Mélos* a um possível destino glorioso, vim para o vapor; e depois, no comboio, até Olhão, fui pensando no argumento de *Melusina*... Veremos o que do misterioso abismo metafísico, *Melusina* trará consigo, por minha via, para o mundo da música...

Por ora, quanto ao *Colombo* esperarei naturalmente o que ao Marquês se oferecer dizer-me... E quanto ao *Mélos*, veremos se o *Verde Gaio* o acolhe... Porque, se não encontrar guarida aqui, irá passear de novo até Paris, até às mãos de Yvette Chauviré, conforme já referira,—ou, por outra mão, (mão amiga que no entretanto inesperadamente surgira no horizonte), talvez que até às mãos do grande Serge Lifar, que bem poderá pegar-lhe e levá-lo pelo mundo fora...

Se porém tudo falhar... entendid estava, *et nunc et semper*, que não me impedirá isso de prosseguir no meu... desporto,—antípoda (contra o que se julgaria facilmente), do corriqueiro *diletantismo do amador*... E sem que nisto haja seja o que for de pecha *profissional*... pois de meridiana e evidencia é que jamais houve, há, nem poderá haver, *compositores profissionais*, porquanto *compositores* não são,

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

## A ACÇÃO DA Casa do Algarve

na defesa dos interesses regionais

**S**OB a presidência do sr. coronel Antunes Cabrita, reuniu o Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, em Lisboa, que se ocupou de vários assuntos respeitantes aos interesses da província, deliberando:

a) Actuar junto das entidades respectivas para que tenham rápido andamento os problemas do conveniente aproveitamento da riqueza que representam as Caldas de Monchique; da reconstrução da igreja da Luz, em Lagos; da criação de uma Casa do Povo na freguesia da Conceição de Faro; da criação da paróquia eclesialística de Quarteira—para a qual já existe a oferta de um importante donativo mensal; da concessão de sepultura condigna, no cemitério de Ferragudo, aos restos mortais do grande escritor algarvio Dr. Coelho de Carvalho; da construção de casa própria para a criação de um pequeno museu regional e biblioteca em Castro Marim; e do abastecimento de água às povoações de Vila do Bispo e Sagres.

b) Aprovar a redacção de uma mensagem apresentada pelo vice-presidente da direcção, sr. Dr. José António Madeira, e destinada a ser entregue ao sr. ministro da Economia, em reconhecimento da publicação do decreto que trata da electrificação do Algarve.

c) Aplaudir a realização oportuna de uma homenagem ao eminente académico e grande benemérito, sr. Dr. Augusto da Silva Carvalho, e das consagrações do grande poeta Dr. Cândido Guerreiro, e erudito médico, publicista e homem público Dr. Lima Leitão.

d) Estudar a situação actual da produção e comércio da aguardente de figo, em face das disposições da portaria n.º 13.354, de 27 de Abril, último, e das reclamações contra a mesma apresentadas, e actuar no sentido do mais conveniente aos interesses do Algarve, junto do sr. Subsecretário de Estado da Agricultura. Foi incumbido do referido estudo o presidente do Conselho Superior Regional, sr. Dr. José de Sousa Carrusca.

## Actividade Náutica da SOCIEDADE PORTUGUESA durante o mês de Julho

De harmonia com o calendário das provas náuticas organizado pelos Serviços de Instrução Náutica da M. P., estão previstas para o corrente mês, no Algarve, as seguintes provas:

No dia 12, em FARO, regatas entre os Centros de Faro e Olhão, para snipes e sharpies de 9m2.

No mesmo dia, em TAVIRA, regatas entre filiados do Centro, para disputa do «Galhardete M. P.»—Lusitos.

No dia 19, em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, continuação das regatas para disputa da «Flâmula Branca» e da «Flâmula Verde»—Lusitos e snipes.

No dia 25, em ALBUFEIRA, regatas entre os filiados do Centro para disputa do trofeu «S. Tiago»—Lusitos.

Dia 26, em TAVIRA, continuação das regatas entre filiados do Centro, para disputa do «Galhardete M. P.»—Lusitos.



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª da

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

# DESPORTO

AO ABRIRMOS esta secção, e à guisa de prólogo, desejamos, depois de uma pequena justificação, traçar uma linha de conduta pela qual procuraremos orientar o nosso futuro trabalho nas colunas deste jornal, dizendo, simultaneamente, quais as ideias e os fins que nos animam.

A razão da nossa aceitação ao convite que nos dirigiram assenta basicamente, e apenas, no desejo sincero de colaborar, sem outra qualquer pretensão que não seja, com a pobreza dos nossos recursos e no escasso tempo de que dispomos, a de pugnar por uma causa nobre como é a do Desporto, lutando, ainda que modestamente, pela sua defesa, combatendo a sua detracção, entusiasmando a sua prática — tudo através duma crítica construtiva que possa proporcionar os resultados que pretendemos.

Procuraremos circunscrever os factos às suas verdadeiras proporções, comentando os sem pre com o propósito de acarinhar o que possa servir de exemplo e atacando o que deve ser repudiado.

Passou o tempo, felizmente, em que a prática do Desporto era considerada manifestação de desequilíbrio mental e os seus entusiastas tomados como pessoas dignas da comiserção alheia.

A utilidade do Desporto está provada e hoje é geralmente reconhecida como uma força, respeitada por todos e à qual os próprios Governos dispensam o seu apoio.

Entre nós, se bem que não caminhamos na vanguarda em matéria de Desporto, muito já se tem feito e ao nosso Governo, que mandou construir estádios, auxiliou clubes, financiou embai-

xadas desportivas ao estrangeiro, e que controla superiormente a actividade — muito se deve no actual desenvolvimento e muito se espera ainda no progresso futuro.

O Desporto, sendo uma escola de virtudes e estruturando-se na civilidade, constitue um importantíssimo factor educativo, sob o ponto de vista moral e social.

O Desporto ensina-nos, numa base de disciplina, solidariedade e respeito mútuo, a lutar generosa e perseverantemente pelas nossas aspirações, tornando-se deste modo um precioso auxiliar na difícil luta pela vida.

É necessário, porém, espiritualizar o verdadeiro ideal desportivo e nesse sentido muito já se tem feito e alguma coisa já se colheu, mas muito mais tem de se fazer.

É indispensável incutir nos espiritos jovens, numa tarefa paciente e contínua, as bases em que devem assentar as práticas desportivas. Cultivar-lhes o cavalheirismo das atitudes, a luta leal e viril, sem esquecer o respeito pelos adversários. Demonstrar-lhes a verdadeira finalidade do Desporto sob o ponto de vista físico, acautelando-lhes a saúde e reprimindo exageros prejudiciais, afim de que o Desporto, em vez de uma escola de revigoramento rático, não se transforme em academia de depauperamento físico.

Aqui ficam, pois, em poucas palavras, não tão bem quanto desejariamos, as nossas intenções e a causa por que aqui nos vamos bater.

\* \* \*

Terminou praticamente no domingo findo o torneio popular de futebol que se vinha disputando na nossa Vila. Atestando o gosto que a mocidade vilarealense dispensa a esta modalidade, cerca de 80 rapazes, representando 7 grupos, conseguiram, com a habilidade denunciada e entusiasmo contagiante, interessar considerável número de público, que, durante 2 meses acorreu sempre a presenciar os jogos efectuados.

Venceu, e muito justamente, o grupo «FLOR DE LIZ». Foi realmente a melhor equipa, demonstrando, ao longo do torneio, possuir o melhor lote de jogadores e o conjunto mais organizado.

Em virtude da falta de espaço e do pouco tempo que dispomos, falaremos noutra ocasião das classificações finais e doutros assuntos dignos de interesse. Por agora, não queremos deixar já de afirmar que em matéria dis-

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

## Ao luar...

por João Pestana

Uma noite vagueei  
Ao luar. Noite tão bela!  
Todo o tempo me levei  
Pensando nela...

Via-a junto de mim!  
No meu ombro se encostava,  
E seu rosto de marfim  
Me encantava!

Sua voz, quando falava,  
Vibrava em meu coração,  
E eu com amor lhe beijava  
A sua mão...

Quando uma nuvem passava  
E a lua se encobria,  
Meus olhos nela fitava.  
Ela sorria.

Quando o passeio terminei  
E me fui deitar, cansado,  
Sonhei com ela e fiquei  
Apaixonado!...

# Vida Literária

Secção orientada por J. A. Mendes Leal

AO INICIARMOS, nas colunas simpáticas de «Notícias do Algarve», a publicação periódica desta pequena e desprestigiada secção subordinada ao título acima mencionado, não julgamos, de forma nenhuma, ir preencher qualquer espécie de lacuna, mas antes abrir de par em par mais uma porta aos que por uma ou outra forma manifestam interesse por estas coisas das Letras.

Os que escrevem — muito principalmente aqueles que principiam — encontrarão a todo o momento a franqueza do nosso apoio e a sinceridade da nossa modesta adesão. Oferecemos-lhe — sempre que mostrem valor que o justifique — as nossas colunas para publicação dos seus escritos. E não consideramos isso como um favor...

Os que leem — e sobretudo os que gostam de escolher as suas leituras — aqui acharão, com regularidade, informação vária, tanto nacional como estrangeira, e crítica séria.

A uns e outros procuraremos sempre e acima de tudo servir o melhor que pudermos, sem olhar a outros interesses que não sejam os dos leitores, nem a outros factores que não sejam as directrizes que os orientam.

## UM LIVRO POR MÊS

### FOGOS DO CÉU por Pierre Clostermann

Numa bem cuidada tradução do Comandante Sarmiento Beires, e editado pela Casa AOV do Porto, acaba de ser posto à venda nas Livrarias, o segundo livro de Pierre Clostermann — a quem se chama já o «Saint Exupéry desta guerra» — e intitulado «Fogos do Céu».

Enquanto que na sua primeira obra — cujo extraordinário sucesso mundial não é necessário frisar — o autor traçava a sua auto-biografia e focava alguns pontos da grande aventura que viveu nesta Guerra Aérea, em «Fogos do Céu» Pierre Clostermann relata — no estilo simples mas vivo que lhe é tão característico — alguns feitos heróicos das aviações francesa, inglesa, americana e japonesa, procurando que a posteridade saiba ver neles o sacrifício e o insofismável espírito do dever e da honra desses valentes aviadores, isto é, alguma coisa mais do que números duma vulgar estatística que é, tristemente, quase tudo quanto, ao fim e ao cabo, deles ficou nos arquivos militares.

Pierre Clostermann consegue — com a tremenda facilidade que ele empresta ao difícil — transmitir-nos com toda a intensidade dramática, a sensação de desânimo e de impotência que acabava por dominar esses bravos rapazes, perfeitamente cientes de que eram «poucos demais» e de que seria sempre «demasiado tarde». Numa palavra — carne para canhão...

É certo que se conseguia atrair por umas escasas horas — e às vezes por uns poucos minutos — a marcha dos alemães, na Europa ou em África, e a dos japoneses nas Filipinas, mas valeriam esses poucos instantes de tréguas o preço exorbitante que por eles se pagava em vidas e em material?

«Fogos do Céu» é — da primeira à última linha — um hino sincero, e que deve ser escutado, contra a guerra e a sua estúpida inutilidade. Estamos certos de que o êxito que certamente acompanhará esta segunda obra de Pierre Clostermann não será, sob nenhum aspecto, inferior ao obtido por «O Grande Circo».

E a verdade é que tanto um como outro livro merecem indiscutivelmente o sucesso que os tem premiados. Pierre Clostermann, além de ser uma das maiores glórias militares da França na última guerra, é também um escritor fácil e comunicativo que apaixonou e seduz o leitor, dominando-o e subjugando-o desde a primeira linha. E só Deus saberá quanto isto é difícil...

## NOTÍCIAS DE PORTUGAL

Os Estúdios Cor acabam de iniciar a publicação do quinto e úl-

timo volume da interessante obra em fascículos de Elie Faure intitulada «História da Arte». A edição é esplendidamente valorizada com magníficas separatas a cores e a sépia.

A Livraria Sá da Costa editará dentro em breve o vol. VII de «Obras Escolhidas» do Padre António Vieira, e dentro dos moldes da sua conhecida Coleção de Clássicos.

Também sob os auspícios da Sá da Costa deve surgir muito brevemente o vol. XI da «História da Administração Pública em Portugal», da autoria de H. Gama Barros.

Completo-se há pouco o primeiro volume da «História da Cultura em Portugal» de que é autor o Dr. António José Saraiva. A edição pertence aos Estúdios Cor cuja esplendida orientação não é por demais realçar.

Também da autoria de António José Saraiva, e em edição SEN, do Porto, acaba de ser posto à venda nas livrarias um volume intitulado «Alexandre Herculano Desconhecido».

«Sombras do Meu Jardim» é o título do primeiro livro de contos de J. A. Mendes Leal e que merece da crítica de Lisboa os mais rasgados elogios. A edição é do autor e a distribuição está a cargo da Empresa Nacional de Publicidade.

A Livraria Portugal Editora tem no prelo para muito breve publicação as seguintes obras: «Pão Nosso de Cada Dia», de Berthe Bernage; «Brigitte e o Circulo Familiar», da mesma autora e englobado na «Coleção Brigitte»; «Crime e Castigo» de Dostoiévski (Coleção — Os Romances Universais); «Mestres do Conto Italiano» com prefácio e notas de Fiorillo Antonio (Coleção Antologias Universais); «Londres, Aqui Estou», de que é autora Maysie Greig e publicou em 4.ª Edição a célebre obra de Luiza Alcott — «Mulherzinhas».

## ...E DO ESTRANGEIRO

Thomas Mann, um nome bem conhecido dos leitores portugueses, acaba de ser feito doutor «honoris causa» da Universidade de Cambridge. Como curiosidade acrescenta-se que na mesma altura identica honraria foi concedida ao Pandita Nehru...

Pierre-Henri Simon acaba de entregar nas edições «du Seuil» um manuscrito sobre François Mauriac e a sua obra. Este volume deverá ser posto à venda englobado na coleção «Escriptores de Sempre».

A Academia Internacional de Cultura Francesa em Bruxelas recebeu com toda a solenidade René

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

## O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO

### I-Princípios da ciência clássica

JÁ NO VI século A. C. o filósofo grego Leucipo, fundador da teoria atomista, admitia, dentro de um conceito puramente metafísico, sem qualquer comprovação experimental, que a matéria era formada por pequenas partículas inacessíveis aos nossos sentidos, e indivisíveis.

PELO  
Capitão António Gonçalves

A própria palavra átomo deriva da palavra grega «atomos» que tem o significado de «indivisível».

Esta teoria foi seguida e desenvolvida pelo seu discípulo Demócrito, filósofo grego, e foi admitida até que prevaleceram as ideias de Aristóteles (século IV A. C.), seguindo-se depois um período de cerca de 2.000 anos em que reinou a maior confusão sobre este assunto. Foi necessário o advento do século XIX para, com Dalton, se voltar à noção do átomo, mas agora como uma necessidade para a interpretação dos fenómenos químicos.

Deve-se, na realidade, em grande parte ao final do século XVIII e século XIX a pleiade de Físicos e Químicos que, desbravando o obscurantismo da Idade Média, ergueram o edifício das Ciências Clássicas.

A noção do átomo imperou em quase todo o século XIX como um dogma, e considerava-se que era a menor partícula em que se podia dividir um elemento, sendo ela por si indivisível, como foi dito.

É da combinação dos átomos dos elementos que resultam todos os compostos que formam as substâncias inertes ou vivas existentes sobre a terra. As menores partículas em que se podem dividir esses compostos, mantendo as suas características, tomaram o nome de moléculas, sendo estas formadas pela composição dos átomos dos elementos que fazem parte do composto.

Criou-se a noção de átomograma e moléculograma afim-de se obter um valor prático dos pesos dos elementos e dos compostos, representando o átomograma dum elemento o número de gramas igual ao número que exprime a sua massa atómica. Assim, sendo respectivamente as massas atómicas do hidrogénio e do oxigénio 1 e 16, os seus átomos-gramas são 1 e 16 gramas.

O átomograma e a moléculograma contêm respectivamente um número de átomos e moléculas igual a  $6,02 \times 10^{23}$  (número de Avogadro).

Para se ter uma noção deste número, consideremos extraordinariamente ampliado o volume do átomo e façamo-lo igual a  $1 \text{ cm}^3$ ; o volume de átomograma seria então um cubo com cerca de 850 quilómetros de lado. Isto é, o número de Avogadro correspondente aproximadamente ao número de cubos de  $1 \text{ cm}^3$  que poderiam ser alojados num cubo de 850 quilómetros de lado, distância aproximada entre Lisboa e Madrid.

Criaram-se símbolos para a designação dos elementos, e conforme a proporção em que os átomos se combinam para fornecer os vários compostos, com os símbolos dos elementos e índices de proporção, estabeleceram-se as fórmulas dos compostos.

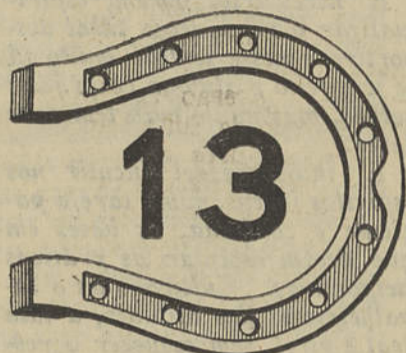
Lavoisier definiu o principio da conservação da matéria, o que permitiu traduzir por equações as diferentes combinações químicas. Ao lado do principio da conservação da matéria foi definido o principio da conservação da energia. O dogma do principio da causalidade era inatacável.

A ciência clássica atingiu a segurança de uma ciência concreta, regulada por fórmulas, principios e leis que até deixavam antever teoricamente a possibilidade de novas descobertas que a experiência confirmava (caso do planeta Neptuno). Parecia que nada a podia abalar e singrava a passos firmes para a conquista de novos e mais belos horizontes. Como iam longe, e tinham sido relegados ao esquecimento, os velhos conceitos alquimistas da conquista da pedra filosofal (que pretendia transformar os metais em ouro) e do elixir de longa vida (que objectivava preservar a juventude da velhice).

O cenário, porém, em breve mudaria.

# VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS  
de Consumo e Exportação  
**QUE MARCA**



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-  
vador desta casa  
é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos  
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,  
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência  
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»  
«MINHA ULTIMA MARCA»  
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

**Produtos vinicos 100 por cento**

Execução rápida de todas as encomendas  
Vendas com garantia de baixa  
Compras a dinheiro, vendas a prazo

**AGENTES EM:  
AFRICA e BRAZIL**

**Aceito Agentes onde ainda os não tenha**

**Armazéns de retém:**

N.<sup>os</sup> 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

**BANQUEIROS:**

Banco de Portugal  
Credit Franco-Portugais  
London & South America Limited  
Borges & Irmão  
Nacional Ultramarino  
Angola  
Espírito Santo e Comercial de Lisboa  
Banco Português do Atlântico  
Caixa Geral de Depósitos

## ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

### CARTAXO-Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.<sup>da</sup> - S. Mamede Riba Tua

**Subsídios para a História de Vila Nova de Cacela**

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

O exquisto e delicado do seu tecido. O vinho, o trigo, o azeite, a cera, o mel, o sal e os tecidos, eram exportados para as outras nações. Os frutos, muito especialmente, excediam os das outras regiões, no gosto particular e na qualidade, merecendo por isso, a sua preferência.

Não há dúvida absolutamente nenhuma de que os Turdetanos algarvios foram bastante respeitados pelo seu valor e pela sua ciência.

Ao despedir-se do período neolítico, diz Estácio da Veiga, «já neste tempo havia agricultores, fabricantes, construtores, arquitectos, joalheiros, desenhadores, escultores, gravadores, tintureiros, padeiros, sacerdotes do culto, chefes, guerreiros, lapidadores, etc., etc.» E assim devia ser.

Por todo o nosso país, abundam obras de arte, muito especialmente de arquitectura, hoje consideradas Monumentos Nacionais e integradas no Património Artístico Português, que mostram eloquentemente a afirmação e o elevado grau de cultura desses povos, tão mal compreendidos e erradamente considerados bárbaros, quando é certo que, só pela sua arquitectura, tão bem definida pelos seus elegantíssimos estilos, caracterizam a perfeição das suas distintas civilizações.

Nas nossas escolas técnicas e de arte, tanto médias como superiores, são ensinados em disciplinas próprias, os estilos Romano, Gótico e Árabe, e os compêndios adoptados no ensino e os tratados escritos sobre eles são tantos, que, por si só, reunidos, formariam uma importantíssima biblioteca.

É tão grande a sua importância, que cidade ou vila portuguesa que possua qualquer desses monumentos arquitectónicos, se considera tão engrandecida, que constitui o seu primeiro título de nobreza e honra.

São exemplo flagrantemente a igreja de Santa Maria, de Tavira, que foi mesquita dos mouros e que D. Paio Peres Correia fez converter em igreja cristã, e a ponte de sete arcos, sobre o rio Gilão ou Séqua, hoje Asseca, que separa Tavira em duas partes, glória das construções dos árabes, que constitui um dos mais belos monumentos que a sua capacidade e saber legou às gerações vindouras.

No Algarve de hoje, pouco existe digno de nota, desses monumentos de arquitectura, que nos tivessem sido legados por essas extintas civilizações. Apenas tristes e desamparados vestígios nos restam; não porque esses povos não tivessem ali inspirado, mas talvez porque, naquele recanto ocidental da Europa, dominassem por muito mais tempo, e os povos dominadores, por ódio de raça, tivessem a preocupação ou o propósito de apagar os vestígios dos povos dominados, para lhes imporem a sua civilização e a sua cultura.

É exemplo bem frisante deste facto o triste fim de Ossónoba, importantíssima cidade romana, que, já não pode haver dúvidas, foi destruída pelos Árabes, em parte, devido ao ódio que nutriam pela religião, pois Ossónoba tinha igreja Catedral. Não se pode, igualmente, deixar de reconhecer, que também contribuiu para que eles assim procedessem o facto de desejarem fundar Faro, em sítio próximo do oceano, onde pudessem criar um porto de mar, que servisse os seus interesses comerciais com a África.

Mas o que é certo é que os nossos Reis e Câmaras Municipais de todas as épocas, também não procederam melhor, pois têm colaborado nessa obra de destruição, deixando ao desamparo, sujeitos a toda a espécie de vandalismo, a que o martelo e o picareto, infelizmente, não têm sido estranhos, monumentos históricos que honrariam uma Nação, quanto mais uma província ou uma simples terra.

Mas, ainda assim, é forçoso reconhecermos que, entre todos, foram os Árabes os mais inteligentes, porque estes souberam aproveitar-se das construções romanas e góticas. Nós é que não sabemos aproveitar-nos do que os Árabes nos deixaram, salvo raras excepções.

Manuel dos Santos Cabanas

**CARTAS DE RODOLFO RUIZ**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

—Delatour, cada vez mais octogénario e transitando apressadamente, mas com gozo, para o cemitério de Père Lachaise...

—E ela, caramba?...

—Ela transitou para a Ópera e nas horas vagas aprende existencialismo!

O jantar correu muito parisiense. Logo d'entrada discutiu-se a crise. Bronzeac, fidalgo de velha linhagem, afirmou, mal desdobrou o guardanapo, que a República estava pôdre e que só a Monarquia poderia restaurar a França o brilho e o prestígio das eras antigas. A crise actual aterrava-o. E cioso do bom nome nacional perguntou com voz cava: o que pode pensar o mundo civilizado duma França que está sem governo há três semanas? Ninguém soube dizer o que pensava o mundo, mas Frédeau garantiu com autoridade que os existencialistas apoiavam o Parlamento e concordavam com a sua política de não deixar constituir governo!

—Essa agora! bradou de Bronzeac afoegado. Então a França deve estar sem governo?

—Claro que deve. Para governar a França basta os directores gerais! E interrogou para os lados, se estava ou se não estava provado que os governos é que eram os únicos culpados do descalabre da Nação. Notando a concordância geral afirmou triunfante:

—Se está provado, como está, que os governos são nefastos, o Parlamento cumpre um dever de patriotismo e inteligência não deixando constituir governo. Assim pensa o existencialismo francês e assim penso eu! Tenho dito! E atirou-se ao fricassé de pombinhos que o criado começava a servir... Eu, intimamente concordei com Frédeau, mas como estrangeiro quiz guardar um silêncio cauteloso enquanto se debatiam estas altas controvérsias políticas. De Bronzeac porém sorriu com condescendência e disse:

—L'existencialisme! Quelle blague!

Então Madame d'Avigny acorreu, com um olhar terno, em defesa do ponto de vista de Frédeau!

—Messieurs, o existencialismo tem uma certa razão! Não digo que a França nunca deve ter governo, mas posso afirmar que há momentos em que a França não o deve ter!

De Bronzeac esticou o pescoço e afinou os ouvidos. Madame d'Avigny era uma autoridade em política internacional. A sua convivência íntima com membros do gabinete e as inconfidências que surpreendia nos bastidores da Ópera tão frequentados por parlamentares — conferiam-lhe com justiça essa alta e distinta qualidade.

—Acha então que a França não deve ter um governo neste momento? Interrogou de Bronzeac. Madame d'Avigny achava. A França estava numa situação delicada. Iam-se realizar importantes conferências internacionais onde a França teria de fazer afirmações. Ora a França não estava em condições de fazer afirmações! A França precisa da América que lhe restaura as finanças mas necessita da Rússia que lhe mantém a Alemanha dividida e desarmada!

Frédeau, limpando os beiços concordou soturnamente:

—O pavor da bancarrota e o pavor da invasão...

—De forma que, a França sem

Governo ou pelo menos sem um governo com autoridade não pode, nas conferências, afirmar nem pelo Ocidente, nem pelo Oriente. É o que lhe convém! Concluiu com um sorriso Madame d'Avigny.

Admirei-me daquela perspicácia e querendo sondá-la sobre outros sectores lancei subtilmente: E a Coreia? O armistício faz-se ou não se faz?

De Bronzeac encolheu os ombros e sibilou por entre os dentes: —A Coreia, outra embrulhada!

O existencialista teve uma gargalhada sinistra.

—Sem o governo do Norte e sem o governo do Sul e sem governos estrangeiros a interferirem, a Coreia seria um paiz feliz! Logo, abaixo os Governos! É esse o ponto de vista do existencialismo! Tenho dito! E atirou para as goelas com convicção o St. Yquen 1897.

—La raison, il a raison, concordou logo Madame d'Avigny. A Coreia era um paiz sossegado e feliz. Surgiram os japoneses e as coisas complicaram-se. Vieram outros e as coisas complicaram-se mais ainda. A vinda dos Americanos acabou de complicar tudo! Agora para se voltar a primeira forma é necessário aplicar-se o processo ao contrario! Os japoneses já se foram embora, os prisioneiros escapuliram-se todos; indo embora os americanos não se volta a ouvir falar nos Coreanos! Et voilà, c'est simple!

Os criados serviram café. A orquestra tocou um «Samba» sugestivo.

—O mundo está louco! afirmou de Bronzeac.

—É preciso acabar com o mundo! sentenciou Frédeau. É esse o ponto de vista do existencialismo!

Eu concordei com o Frédeau! Era preciso acabar com o mundo. Viva o existencialismo! E convidei Madame d'Avigny para o «Samba»...

Teu Rodolfo

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

**PARA SI, MINHA SENHORA**

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

vistas». Hoje, todavia, quem tem três vestidos pode facilmente aparentar ter nove ou dez.

Um simples vestido preto, um pouco decotado em barcarola e com a saia de corte simples, pode fazer as vezes de nada menos do que seis vestidos, apenas com leves modificações:

1.º — o vestido preto sem guarnições, usado com carteira e sapatos brancos, verdes ou na cor natural da pele;

2.º — o mesmo vestido usado com um turbante de seda de cor clara, com grandes bolas pretas; uma «écharpe» da mesma seda compõe o decote, prendendo com um alfinete de pedras;

3.º — sempre o mesmo vestido preto, mas agora com grandes bandas e punhos de «piqué» branco, usado com uma boininha branca; lindo para se trazer da parte da manhã;

4.º — para almoço usa-se este vestido preto com um pequeno blusão, em «piqué» estampado, imitando o «twæed» em preto e branco; chapelinho de palha, carteira e luvas brancas;

5.º — o mesmo vestido pode servir ainda para um «cocktail», desde que se use, na cintura, uma faixa em organza plissada, que dê um grande laço, cujas pontas caiam sobre a anca; luvas e chapelinho (com um véu) em tom pastel;

6.º — finalmente para teatro ou cinema o vestido usa-se com um casaquinho de penas ou um bolero de pele ou de veludo.

Também no género ligeiro se podem fazer imensas «habilidades». A elegante, quando parte para o campo ou para a praia, leva poucos vestidos inteiros. Não se limita, é claro, a levar apenas saias e blusas, mas «parte» os seus vestidos pela cinta. Quer dizer: vestidos completos passam por vestidos inteiros, mas possuem, simultaneamente, a facilidade de se transformarem em outras tantas «toilettes». Sobre os tecidos com bolas pretas e os de riscas ou quadrados prestam-se, admiravelmente, para várias combinações. A saia de um desses vestidos pode ser usada com uma das modernas blusas pretas e a blusa estampada com uma saia preta. Esta, por sua vez, pode usar-se com qualquer dos corpos dos nossos vestidos, com as blusas de malha, com camurcinhas de lã ou de algodão ou ainda com a blusa preta, alegrando-se, nesse caso, o conjunto com uma faixa de cor ou com um bonito cinto de fantasia.

Quanto aos vestidos de noite, também as metamorfoses podem extremamente variar, pois, com uma simples saia preta e várias blusas, pode-se ir várias noites ao Casino, mudando sempre de vestuário.

A mulher de hoje precisa mais de acessórios do que, verdadeiramente, de vestidos. Não se contenta com uma carteira, uns sapatos ou um chapéu. O que a torna elegante não é ter um vestido branco, outro azul e outro cor de mel; mas os cintos, as «écharpes», os xailes, as faixas, os lençinhos e todos os mil acessórios daquela arte que mestre Fregoli lhe ensinou há cinquenta anos e que ela hoje aproveita para se tornar mais sensacional e mais bela.

COMPRE «Esta riqueza que o senhor me deu» poemas de João Braz

**RUÍNAS QUE NOS ENVERGONHAM**

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

ce. Todos vêm como a nossa terra tem crescido e prosperado, como valores económicos são para aqui atraídos e como tudo vai prosperando, apesar das contingências inerentes a toda a espécie de negócio. É que assim é prova-o a circunstância de termos nada menos de quatro casas bancárias, quando há cidades que não têm mais que uma e vivendo precariamente.

É possível que alguém, mesquinho ou ignorante, ou ambas as coisas, se atreva a argumentar que fazendo casas não arranja inquilinos. Eis um erro de palmatória. Quantas pessoas que têm aqui os seus afazeres são forçadas a viver longe da vila? Quantas pessoas vivem em casas sem comodidades só porque não aparece alguém de iniciativa que construa casas decentes? Quantas pessoas desejariam aqui estabelecer-se e que não o podem fazer porque não têm casa? De resto basta atentar-se nesta verdade: se não houver combóios e se não houver camionetas, forçosamente não há passageiros. Para que estes aparecessem foi necessário criar os meios de transporte. O mesmo se dá com o inquilino. Só há inquilino se houver casa — verdade banalíssima mas que parece não ter sido ainda compreendida no nosso meio.

A casa barracada não oferece hoje interesse económico e dá pouca compensação ao construtor. Com os mesmos alicerces e um pouco mais de reforço de paredes faz-se uma casa de 1.º andar. E esta, sim, é economicamente compensadora. Além de que, deve ter-se em conta que a valorização urbanística implica imediatamente a valorização de todos os prédios, mesmo que estes sejam modestos. Logo que numa rua se melhorem as construções implicitamente qualquer terreno ou barraca na mesma rua é valorizada.

Vila Real de Santo António deve ser das terras portuguesas onde menos se tem construído; daí o seu quase estacionamento urbanístico, a sua escassês de casas e o consequente nascimento do miserável bairro da lata. E, como já dissemos, não há razão para se ter chegado a tal estado de coisas. Há pessoas de iniciativa, de recursos e de brio na nossa terra. A elas e ao Município competem contribuir para o alindamento da nossa vila — da nossa casa grande — da terra onde nascemos e que todos gostaríamos de deixar ainda mais linda aos nossos filhos.

Mãos à obra, pois, amigos! Suprimam-se as montureiras e levantemos sobre elas moradias decentes que valorizem Vila Real de Santo António e honrem a memória do homem que com tanto carinho e capricho a mandou erguer.

Job

**«Jornal do Pescador»**

O interessante artigo que inserimos no presente número sobre Matosinhos e Vila Real de Santo António é transcrito do «Jornal do Pescador», valiosa publicação que desde há anos pugna pelos interesses da pesca.

**Perrolas & Soares, L. da**  
Pescarias e Mariscos — Conservas



Comissões e Consignações

RESIDÊNCIA 100  
Telef. PERMANENTE 55  
ARMAZEM 200

APARTADO 12  
Vila Real de Santo António

**HÁ UM QUARTO DE SÉCULO**  
que a frota de pesca portuguesa  
prefere as tintas «EXCELSIOR»



**USE-AS E SABERÁ A RAZÃO DESSA PREFERÊNCIA**

**J. A. Honrado & Callado, L. da**  
Rua de D. João de Castro (ao Rio Sêco) — LISBOA  
Telefone 37106 — Teleg.: TINTAS EXCELSIOR

Depositário em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO:

**Manuel da Silva Domingues**  
Avenida da República — Telefone 12

Nas pinturas do novo arrastão «ALMADA» foram empregadas TINTAS EXCELSIOR

## CONFISSÃO PROIBIDA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

em baixo, indiferente à minha dor...

Então, deixei que ela me penetrasse, entreguei-me nos seus braços, ofereci-me em holocausto, quiz que ela fosse até ao mais fundo do meu ser, que chegasse até às minhas entranhas e se misturasse no meu sangue, que, gota a gota, o fosse sugando a pouco e pouco, lentamente...

Uma paz imensa desceu até mim, inebriou-me e deixou-me caído, prostrado, bêbado de prazer, um prazer diferente que pela primeira vez saboreava.

Tu, não o podes compreender.

Oh! Tu que nunca sofrestes! Tu! Se acaso existes, algures para lá do Atlântico, no interior das Áfricas ou talvez nos confins da Ásia.

Tu, que te julgas o mais feliz dos homens. Que pensas, acreditadas e crês conhecer a vida em todos os seus prazeres e alegrias.

Nada conheces, nada és, nem sequer vives.

Existes. Vegetas, talvez... A alegria, o prazer, a felicidade imensa! Que são para ti? Tudo—dirás, muita coisa.

Nada! Pobre infeliz que se acaso existes és mais desgraçado que o mais pobre dos pobres.

A ti foi-te vedado, o prazer enorme, a alegria louca da dor e da amargura.

Começa-se a viver, no primeiro dia em que se sofre. E aí meu amigo, que maravilha a vida! E que erro enorme, pensar-se que tudo escurece à nossa volta, quando se sofre.

Pelo contrário, os contornos das coisas tornam-se pela primeira vez nitidos, os perfumes inebriam-nos, o colorido, a limpidez do ar, as coisas, todas as coisas, nos aparecem com uma claridade que não tem nada de sideral.

A escuridão, a dor, não ficam apenas dentro de nós, num silêncio pavorosamente real e tangível. Ultrapassam-nos, deixam de nos perliencer, é uma dor que se objectivou, que é palpável e existe para além de nós, impregnando o espaço de fragrâncias adoráveis, num paradoxo incompreensível, enchendo de luz colorido e encanto o mundo.

A amargura dos miseráveis, as penas dos menos venturosos, a infelicidade dos desgraçados.

Encontram-se. unem-se e ficam com uma existência própria, feita de tudo aquilo que de mais íntimo há num ser humano. E passam então, a ser a razão da própria existência.

Sofrer, é a maior prova que podes ter de que és mais do que apenas um animal racional.

Pensas, logo existes, base de toda a Filosofia!

Sofres, numa dor que não é só subjectiva, uma dor que apesar de ser o que de mais íntimo possuis, nem sequer é tua.

Porque nada tens, nada és.

Tudo quanto imaginas, pensas e vês, já foi de toda uma multidão de seres sem nunca ter sido de nenhum em particular.

Tu e os outros são alguém, tu sozinho és um nada, mas consolá-te porque eles sem ti não podem viver.

Eles odeiam-te e tu odeias-os. Procuram todos os meios para te destruir tu queres esterminá-los.

Mas precisam uns dos outros e sabem-no, mas continuam a matar e a odiar e se não fosse o ódio, as mortes, o sangue, nada do que nos rodeia teria sido jamais inventado.

Porque sem a amargura jamais se reconheceria a felicidade.

O mundo seria hoje horrível.

## UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

como o grande Mahler já fizera notar judiciosamente, os que compõem musica, mas sim os que estão compostos de musica... E não se confunda também isto com a famosa *inspiração*, porquanto, segundo o cálculo justo do ilustre Jacques Ibert, na *inspiração* há pelo menos 99% de... *Transpiração!*

Deus manda lutar, não manda vencer, é uma velha máxima dos crentes; e precisamente uma sua eloquente demonstração se encontra ser a daquele anacoreta da Tebaida que com perfeita solicitude regava todos os dias as estacas de madeira seca que plantara na areia, sabendo sem sombra de dúvida, que jamais elas poderiam reverdecer... De resto bem sabido é que ao caçador verdadeiro, como já notara Lessing, o que importa não é a caça que apanha mas, sim, o próprio caçar. Do mesmo modo pensava o grande Taciturno de Orange quando enunciava o preceito de não precisar da esperança para tentar, nem do êxito para perseverar. E a mesma superior filosofia *désabusée* a enquadrou belissimamente o excelso poeta Henri de Régnier, nesta inscrição lapidária, contra a velha máxima evangélica da pretensa sabedoria:

Le vrai sage est celui qui fonde sur le sable  
Sachant que tout est vain dans le temps éternel  
Et que même l'amour n'est guère plus durable  
Que le souffle du vent ou la couleur du ciel!

Olhão, 28 de Junho de 1952.

Francisco Fernandes Lopes

## Vida Literária

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

Maran e Felix Forté, eleitos membros titulares em substituição de Leon Frapié e de Gaston Henx.

● A Franco British Book Selection Committee designou como o melhor livro do mês a obra «La Grande Faim» de que é autor o célebre explorador Paul-Emile Victor, e que foi editada por Julliard.

● A Société des Lecteurs recomendou para o mês de Abril as seguintes obras: «Les Ailes de la Colombe», de Henry James (Edições Robert Laffont) e «Les Contes de L'Absurde» de Pierre Boule (Edições Julliard). Para o mês seguinte designou a referida Sociedade a obra «Le Visage de L'Innocence» de William Sansom (Colecção Pavillon, de Robert Laffont).

● A tradução espanhola de «Les Saints Vont en Enfer», de Gilbert Cesbron aparece em segundo lugar nos «best seller» desta primavera em Espanha.

● «Les Dents Longues» de Jacques Robert, donde se extraiu um filme actualmente em exibição em França, acaba de ser traduzido para o inglês pelas edições Staples Press.

mente monótono, escuro, triste, impossível de habitar, se nele deixasse de existir o ódio a dor e o sofrimento.

Sofrer, é uma maneira de conhecer esta vida terrena, que é tão grande e que é tão curta, é uma forma de amar e de chegarmos a saber que na realidade vivemos.

Vera Ponce de Léon

## A SUIÇA

### MERCADO CONSUMIDOR DA CONSERVA PORTUGUESA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

rior, mas em puro azeite de oliveira.

O nosso atum branco tem tido uma esplendida aceitação no mercado interno. Um armazemista de Lisboa só a sua parte vendeu em poucos dias 400 caixas de 12 latas de dois quilos cada. Mas julgamos que o que mais interessa à indústria são os mercados externos. A Suíça oferece campo para colocação e cremos que não seria demais tentar a Austria, a Alemanha, a Checoslováquia, Belgica e Israel. Este último País é muito deficitário em peixe pois necessita importar 69% de peixe fresco, salgado e em conserva.

Para o que deixamos dito—repetimos—chamamos a atenção dos industriais do Sotavento.

\* \* \*

#### BIQUEIRÃO FRITO PARA EXPORTAÇÃO

Também chamamos a atenção dos industriais pombalinos para um aspecto, cremos que novo, do aproveitamento do biqueirão de que Vila Real de Santo António é o primeiro porto pescador julgamos que da Península. Em Espanha fritam esse peixe o qual tem o seu melhor mercado no México. Não sabemos em que condições de embalagem é exportado, mas aqui deixamos o facto assinalado para aqueles a quem interesse encontrar nova modalidade de fabrico e colocação para essa espécie.

Em 1951 a Espanha fabricou 28.119 quilos de biqueirão frito.

\* \* \*

#### PESCA DO ATUM À REDE

O navio «Hugh M. Smith», do

Serviço de Investigação do Pacífico, realizou um cruzeiro de dois meses nos bancos de French Frigate, Midway, Palmira e Ilhas de Cantão com o fim de pescar atum à rede. Encontrou 51 cardumes de atum, conseguindo dar 23 lances com um rendimento aproximado de 31 toneladas de atum de alhetas amarelas. A maior captura feita num lance foi de oito toneladas. Este lance fez-se nas proximidades do recife de King. Também foi nestas proximidades que se encontrou o maior número de cardumes. A pesca realizou-se geralmente a 15 milhas da costa e foi utilizado o isco constituído por pequenos peixes com os quais o atum era engodado a fim de permitir o seu envolvimento na rede.

Também se realizou um arrasto superficial durante as horas de sol, tendo sido capturados 40 atuns de alhetas amarelas e 40 de outras espécies.

B.

## UM POETA JOSÉ SEBAG

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

çada e lavada afirmação, em vez de desgredada interrogação, céptica e suicida. Não há na poesia de Sebag a encruzilhada de destinos. Há a paisagem quente que se desdobra numa infinita paz de natureza adormecida. Mas cuidado: não se confunda uma verdadeira sensibilidade lírica que refaz a observada realidade, com o anotador ou paisagista. Pura descrição mas nem por isso destituído de vibração poética é o poema *Azores*.

Encorajamos Sebag para que prossiga na descoberta da vida, e que os seus versos sejam, de facto, «como os duros sais, dum rugoso, enorme mar...» que os seus versos sejam o sal bom e tonificante que a vida pede.

Afonso Gautela

COMPRE

«Esta riqueza que o senhor me deu»

poemas de João Braz

## Drogaria Algarve

FERRAGENS - DROGAS - TINTAS

Agente de Estanho e Soldas

«MOUQUIM»

TELEFONE 121

R. Dr. Miguel Bombarda, 97

Vila Real de Santo António

## Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega—deveis preferir um WISCONSIN

### PORQUÊ?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustível

FILTRO DE AR a banho de óleo—Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO—Rua de S. Paulo, 113—LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

## DESPORTO

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

ciplinar e educativa, muito há a fazer nos torneios deste género.

Dizem nos que houve campeonatos anteriores ainda piores, sob este aspecto. Não sabemos se assim é mas o que sinceramente lamentamos é ter de afirmar que assistimos, mais de uma vez, a cenas de incorrecções e falta de respeito, que nos deixaram seriamente compungidos. Tem de se rever, portanto, debaixo deste ponto de vista, a organização destes torneios e nós, proximoamente, voltaremos ao assunto, na intenção de colaborar numa iniciativa engraçada mas que está a ser desvirtuada, na sua verdadeira finalidade.

\* \* \*

Continuam a decorrer, com uma concorrência sempre progressiva, as aulas de ginástica que o Clube Náutico teve a feliz ideia de criar, sob a direcção do Professor do I. N. E. F., sr. Luiz Falcão.

Assistimos, casualmente, a uma das últimas sessões ficando bem impressionados não só pelo avultado número de praticantes como pela atenção e entusiasmo por eles manifestados.

Temos, todavia, de reparar que a iniciativa do Clube Náutico não será completa se não forem prolongadas as aulas actuais até cursos de menores e senhoras. Elementos directivos da colectividade, com quem falámos no assunto, lamentaram-nos as dificuldades financeiras resistentes a tal realização, que eles tanto desejavam. Constanos, porém, que vai ser solicitado à Câmara Municipal um subsidio que não só possa garantir a continuidade do actual curso, como também permita o seu desenvolvimento. A ser assim, estamos certos que a Ex.<sup>ma</sup> Edilidade vilarealense, bem conhecedora dos problemas e necessidades locais, não deixará de responder, com o seu apoio, a esta tão louvável iniciativa particular.

## PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António

## Manuel Fernandes Serra

ARMAZÉM DE MERCADORIAS POR ATACADO

Sementes, Cereais, Tabacos, Legumes e Frutos Secos do Algarve

Fábrica de Rebuçados Marca IZILDA

MOAGEM DE CAFÉS

Correspondente do BANCO BURNAY

Tels { gramas: SERRAS  
fone N.º 32

APARTADO 7

Rua Miguel Bombarda, 2 a 12  
Rua de Portugal, 1

LOULÉ